

ASPECTOS ATUAIS SOBRE A PROBLEMÁTICA DO RACISMO E A RESENHA DO FILME “GREEN BOOK: O GUIA”

Filipe Santana Pitanga de Jesus*

O longa-metragem “Green Book: O Guia”, dirigido por Peter Farrelly e com o roteiro escrito por Nick Vallelongo, trata-se de um filme de comédia dramática norte-americano que ilustra a história curiosa, mas também muito reflexiva, do pianista Don Shirley (representado pelo ator Mahershala Ali) e do segurança Tony Vallelonga (retratado por Vigo Mortensen), os quais, durante todo o enredo, são acometidos pela necessidade de entender e (de certa forma) quebrar paradigmas presentes no âmbito estadunidense, no que tange ao racismo presente no período do *Jim Crow*.

Inicialmente, cumpre abarcar que o período intitulado de *Jim Crow* consistiu em uma época em que foi elaborado e sancionado um conjunto de leis (racistas, diga-se) pelo legislativo dos Estados Unidos no período pós-escravidão, que versava acerca de novas formas de segregação entre indivíduos brancos e negros, com uma roupagem um tanto diferente da que havia sido utilizada no passado escravocrata. O cunho racista, obviamente, colocava os negros em posição de inferioridade junto aos indivíduos brancos. Nesse sentido, a segregação institucionalizada e a discriminação pela cor da pele presentes na mesma foram promovidas através dessa legislação, em decorrência do fim do mencionado período da escravização (HERNANDEZ; 2017).

Passando para a análise da obra aqui abordada, inclusive, ganhadora de 5 *Óscars*¹, a mesma traz consigo, inicialmente, através do seu teor crítico, o percurso de Tony Vallelonga - um segurança branco que tomava conta de um espaço festivo em Nova York. Ocorre que, após alguns percalços, o espaço precisou passar por reformas e, em decorrência disso, o protagonista se viu desempregado, mesmo

¹ Dentre os vários prêmios, “Green Book: O Guia” ganhou: i) *Oscar de Melhor Filme*; ii) *Melhor Ator Coadjuvante*; iii) *Melhor Roteiro Original*; iv) *Melhor Ator*; v) *Melhor Montagem*.

*Graduando do curso de Direito da Universidade de Feira de Santana;
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6254669468719919>. E-mail: filipepitanga02@gmail.com.

Justificativa: A presente resenha possui por escopo a análise crítica da obra cinematográfica *Green Book: O Guia*, fazendo um paralelo acerca da problemática social do racismo presente nas estruturas sociais no contexto estadunidense tanto no passado do *Jim Crow*, quanto no âmbito atual. Para tanto, além do breve relato apresentado no filme, tem-se uma breve discussão acerca dos debates e das reflexões apresentadas.

precisando sustentar a sua família. Foi quando conheceu, através de uma entrevista, o pianista clássico Don Shirley.

Este era, em suma, um dos maiores pianistas do mundo, requintado e de procedência/aparência rica. De pronto, um paradoxo ilustrado na obra, tendo em vista que, no período, o número de negros ricos naquele país era escasso – ou quase inexistente. Ainda mais no período do *Jim Crow*. Acontece que Vallenga, como a tendência branca do período, possuía pensamentos racistas, mas decidiu aceitar o trabalho com Don Shirley, tendo em vista a alta necessidade do dinheiro para manter a sua família.

O emprego basicamente consistia em acompanhar, levar e proteger o músico em sua turnê pelo sul dos Estados Unidos. Esse fator tornava a relação trabalhista um tanto complexa, tendo em vista as séries de linchamentos contra os negros no sul dos Estados Unidos, devido ao já mencionado *Jim Crow* e aos atos discriminatórios que pregavam a supremacia branca no país (mencione-se que foi, justamente, nesse período que surgiu o grupo racista *Ku-Klux-Klan*). O sul estadunidense, caracterizado pelo contexto escravista, infligia, sobretudo, uma série de perigos aos indivíduos negros que se portassem como pessoas brancas e com características não submissas ou inferiores, fora que os aspectos segregacionistas faziam com que os brancos do sul linchassem os negros que se fizessem presentes nos ambientes considerados como exclusivos aos brancos.

Entretanto, é importante mencionar que o teor mais impactante da obra não está no fato do seu enredo apenas, e sim, na quebra de paradigmas provocado pelo contraponto de hábitos presentes tanto no comportamento de Tony Vallenga, quanto de Don Shirley. Aspectos estes que podem ser contextualizados até com a atualidade, presentes tanto na realidade estrutural quanto estruturante. Afinal, a sociedade, durante muito tempo, foi (e, infelizmente, ainda é) educada para adjetivar indivíduos brancos como portadores de modos educados, requintados, que se fazem presentes nos lugares de luxo e ocupando os espaços de poder, enquanto aos indivíduos negros sobram os espaços subalternos, com pouca educação e, como decorrência direta, até mesmo meios de criminalidade. À luz do entendimento de Sílvio de Almeida:

A perspectiva liberal tem se mostrado insuficiente para a compreensão do racismo enquanto prática social concreta que, para além dos aspectos morais e culturais, manifesta-se nos planos da economia e da política. O racismo estrutura relações de poder, de tal sorte que sua inteligibilidade histórica passa por uma investigação sobre os liames existentes entre a discriminação racial e a reprodução da vida social (p. 747, 2017).



Nesse contexto, o “Green Book: O Guia” traz um paradoxo, demonstrando o desconforto em ver um indivíduo negro ocupando espaço de poder em uma situação completamente adversa como no período pelo qual passava os Estados Unidos. Contudo, cumpre ressaltar que esse desconforto não é causado pelo fato de Don Shirley ocupar aquele espaço, mas sim, pela reflexão acerca de que aquele caso é isolado/escasso. Afinal, o racismo é tão presente na sociedade (ou nas sociedades) que acaba por tornar incomum essa ocorrência e isso pode (tem) de ser o ponto de partida para a mudança nas estruturas sociais.

Apesar disso, o filme ainda retrata cenas tristes (mas, reais) que ocorreram com Don Shirley. Por vezes, devido a sua cor, foi vítima de alguns espancamentos (quando Vallelonga não estava presente), foi impedido de frequentar ou de se servir nos espaços em que era, inclusive, a atração principal enquanto músico (simplesmente pelo fato de ser negro e as leis do *Jim Crow* o proibirem), bem como possuir os piores camarins, em alguns dos vários espaços que percorreu. Esses fatos representam bem a época e ilustram um pouco do que era a realidade nos Estados Unidos do período, além de reforçarem a ideia de que, mesmo ultrapassada a escravidão, esta tomou uma nova face com a legislação criada a época (ALEXANDER, 2018).

Em conclusão, o filme revela-se importante para compreender um pouco da estrutura estadunidense no período do *Jim Crow*, bem como demonstra um pouco do que foi/é a realidade dos Estados Unidos no que tange à problemática do racismo. Nesse aspecto, *Green Book: O Guia* é um filme que merece espaço no âmbito de discussão hodierno, não só por ser uma excelente obra cinematográfica – com um bom enredo e com nuances que dão qualidade à obra -, mas também por ser um filme que incita a discussão e o debate acerca do racismo, bem como traz à tona realidades que, mesmo ocorridas no passado, ganham novas formas no contexto atual, não só nos EUA, mas também em sociedades que possuíram a escravidão de pessoas negras no passado e que, em decorrência disso, têm reflexos estruturais e estruturantes até hoje.



REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Michelle. *A nova segregação: racismo e encarceramento em massa*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Estado, direito e análise materialista do racismo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Pyn40G76kBI>. Acesso em 20 jul.2017 CERQUEIRA, Daniel; e outros. *Atlas da violência 2017*. Ipea e FBSP: Rio de Janeiro, 2017.

HERNÁNDEZ, T.K. A inocência racial e o direito costumeiro de regulação racial. In: *Subordinação racial no Brasil e na América Latina: o papel do Estado, o Direito Costumeiro e a Nova Resposta dos Direitos Civis* [online]. Translated by Arivaldo Santos de Souza and Luciana Carvalho Fonseca. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 15-30. ISBN: 978-85-232-2015-0.

